



A ÉTICA E A ESTÉTICA NA PROFISSÃO DOCENTE

Prof^a Dra Regina Maria Teles Coutinho¹
Prof^a Dra Ada Augusta Celestino Bezerra²

GT 8 – Espaços Educativos, Currículo e Formação Docente (Saberes e Práticas)

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo construir paradigma de formação do cidadão que atenda sua subjetividade e a profissionalidade com vistas as exigências do mercado de trabalho; e como objetivos específicos oportunizar ao alunado um aprender a aprender de forma autônoma e reflexiva e; refletir sobre o contexto histórico atual onde situações éticas e estéticas se descortinam na sociedade. O estudo bibliográfico teve como referência autores/pesquisadores que tem contribuições teóricas sobre o assunto em foco. Tendo o exposto por premissa, podemos constatar a importância do professor em sala de aula, procurando atender as necessidades e aspirações dos discentes em processo de formação, vendo-a como vitalícia. Entendendo que somos eternos aprendizes, estamos sempre aprendendo, com as experiências, nas interações sociais, nos bons livros, nos sistemas de informações tecnológicas.

Palavras-chave: Ética. Estética. Cidadania. Formação Profissional.

ABSTRACT

The purpose of this article is to build a paradigm of citizen training that meets its subjectivity and professionalism with the demands of the labor market; and as specific objectives to give the student a learning to learn in an autonomous and reflexive way; reflect on the current historical context where ethical and aesthetic situations unfold in society. The bibliographical study was based on authors / researchers who have theoretical contributions on the subject in focus. Given the above, we can see the importance of the teacher in the classroom, trying to meet the needs and aspirations of the students in the process of formation, seeing it as lifelong. Understanding that we are eternal learners, we are always learning, with experiences, in social interactions, in good books, in technological information systems.

Keywords: Ethics. Aesthetics. Citizenship. Professional qualification.

¹ Pós-Doutoranda em Educação – UNIT – Aracaju. Doutorado em Ciências Sociais - Antropologia -PUC- S. Paulo. Mestre em Educação: Currículo e Ensino – PUC – S. Paulo. Licenciatura Plena em Pedagogia – UFPI.

² Pós-Doutorado em Educação – UNIT.



1 INTRODUÇÃO

No momento atual de crises de paradigmas nas diversas áreas do conhecimento, de descrédito no sistema educacional, de acentuado desnível sócioeconômico, de aumento da exclusão social, de crescente número de desempregados, questiona-se: como fazer para melhorar a qualidade da educação? Como oportunizar as camadas populares menos favorecidas um processo de aprender a aprender de forma reflexiva, crítica e participativa?

Dentre as várias alternativas de solução que poderiam ser apresentadas, para os problemas em pauta, reporto-me a formação do educador, pautado na conduta ética e nos aspectos estéticos, tendo em vista ser o profissional que pode contribuir de forma mais concreta, mais significativa para o desenvolvimento sócio-educacional geral do educando. Por ser, inclusive, portador de competências específicas na sua área de desempenho profissional, de competências pedagógicas, bem como, de atitudes e habilidades.

Portanto, que seja receptivo a mudanças, numa postura crítica que o possibilite ver o mundo com suas mazelas e tenha o discernimento para buscar caminhos inovadores que levem à modificação das ações a serem desenvolvidas, particularmente, em sala de aula, como ambiente de formação que por natureza constitui-se o fórum primeiro na construção e reconstrução de conhecimentos, de trocas mútuas de saberes e experiências, em que o professor-educador atua como agente facilitador/mediador que, na medida em que informa, que forma, igualmente se informa e se forma num processo contínuo de reflexão - ação - reflexão.

É preciso superar a crença de que a formação de professores está vinculada a uma supervalorização de conhecimento técnico-científico-cultural e numa desvalorização do conhecimento da arte de ensinar/aplicar (KATO, 1987, GOMES, 1992, SCHON, 1987). Sendo necessário ver a importância dos dois tipos de conhecimentos, trabalhando-os de forma intercomplementar.

Com relação à importância da teoria na formação do educador, esta deveria ser construída correlacionada com sua prática social, num processo dialético e dinâmico, a exemplo do que afirma Giroux:

[...] a teoria deveria primeiramente ser valorizada por seu projeto político, sua crítica de relevância social, sua qualidade de distanciamento. Em outras palavras, ela deveria ser valorizada por seu potencial de liberar formas de



análise crítica e estabelecer a base de novas formas de relações sociais (GIROUX, 1977, p.244).

É preciso que os educadores tenham consciência da natureza do seu trabalho para que possam construir um projeto político-pedagógico e ético, coerente com o projeto político da sociedade à qual prestam serviços. Sendo necessário ver a profissão docente, como outra, com estatutos que regem seus direitos e deveres.

Existem professores que falam para seus alunos que têm baixo salário, portanto, dão aulas correspondentes ao que ganham naquela escola, logo, em outras escolas que pagam mais, ministram aulas de melhor qualidade. Não seria isso falta de ética³? Falta de respeito para com o aluno, que na maioria dos casos pertence à classe social menos favorecida, ou trabalhadores que procuram a escola com a esperança de uma ascensão social? Qual o compromisso político e social deste professor?

Sabe-se, é verdade, que salário quer dizer sobrevivência, atendimento das necessidades básicas, melhores condições de capacitação e reivindicar o direito a salário digno deveria ser uma bandeira de luta dos professores, paralela ao seu desempenho profissional que deverá ser de melhor qualidade possível para que possa contribuir para a formação do aluno, capacitando-o a exercer com plenitude sua cidadania, vendo sempre a prática pedagógica articulada com a prática social.

É preciso que o educador tenha consciência de que a teoria e a prática constituem uma unidade dialética, em que a teoria é construída a partir de uma prática vivenciada, que após análise crítica oportuniza a construção de novas teorias e novas práticas voltadas para o atendimento de um projeto político e ético.

2 REFLEXÕES SOBRE A ÉTICA DOCENTE

No projeto político e ético se faz necessário que o professor tenha liberdade de tomar decisões no seu fazer pedagógico, selecionando conteúdos e estratégias de aplicação de acordo com a carência de conhecimentos e informações que seus alunos necessitam, com liberdade de opções.

A propósito, entendo liberdade de opções como algo inerente à profissão docente.

³ Segundo Vazquez: A ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Ou seja, é ciência de uma forma específica de comportamento humano.



A liberdade é sempre liberdade para algo e não apenas liberdade de algo. Se interpretarmos a liberdade apenas como o fato de sermos livres de alguma coisa, encontramos-nos no estado de arbítrio, definimo-nos de modo negativo. A liberdade é uma relação e, como tal, deve ser continuamente ampliada.

O próprio conceito de liberdade contém o conceito de regra, de reconhecimento, de intervenção recíproca. Com efeito, ninguém pode ser livre se, em volta dele, há outros que não são. (HELLER apud RIOS, 1997, p.16).

Acredito que quando existe liberdade na profissão docente, existe também autonomia nas tomadas de decisões que devem ser coletivas, onde não existem "culpados", mas co-responsáveis nas falhas e nos acertos. "Autonomia significa que somos responsáveis por nossas ações, já que elas decorrem de nós mesmos e devemos sempre supor que poderíamos ter agido de outro modo" (HELLER apud RIOS, 1997, p.17).

Entretanto, é preciso entender que liberdade e autonomia não são dimensões outorgadas, dadas, mas conquistadas, construídas na cotidianidade, de forma coletiva em todas as dimensões sociais, isto é, tanto no espaço das instituições de ensino, como em outros espaços mais amplos e complexos.

Construir ética e politicamente a autonomia não terá significado se não aliassem à perspectiva ético-política a dimensão técnica, o domínio seguro de conhecimentos específicos, a utilização de uma metodologia eficaz, a consciência crítica e o propósito firme de ir ao encontro das necessidades concretas de sua sociedade e de seu tempo (RIOS, 1997, p.18).

Nesse particular, é preciso que o educador esteja aberto às incontáveis possibilidades de mudanças, se arme de coragem e determinação para abandonar práticas obsoletas, ultrapassadas e busque inovações, não como modismo, mas com competência, com criticidade para visualizar a realidade de acordo como se apresenta e tentar melhorá-la numa atitude responsável e inventiva. Como relação a práticas obsoletas, arcaicas, subserviente e ultrapassada destaca-se como exemplo, a postura de alguns supervisores educacionais que atuam como "vigias" de professores, não exercendo sua verdadeira função de colaborar, acompanhar e orientar as ações docentes, que devem ser realizadas em parcerias.

É preciso que o educador em constante formação veja que:

A ética se relaciona estreitamente com as ciências do homem, ou ciências sociais, dado que o comportamento do homem, que se manifesta em diversos planos: psicológico, social, prático-utilitário, jurídico, religioso ou estético.



Mas a relação da ética com outras ciências humanas ou sociais, baseada na íntima relação das diferentes formas de comportamento humano, não nos deve fazer, esquecer o seu objeto específico próprio, enquanto ciência do comportamento moral (VAZQUES, 1990, p.23).

Os educadores como profissionais que buscam a formação para a transformação podem desvelar situações conflituosas, formas de saberes e culturas que se encontram subjugadas, disso emergindo sofrimento, desesperança e opressão. Diante dessa situação, os professores como intelectuais críticos, que representam a elite pensante da sociedade, devem começar a compreender a história como uma herança cultural deixada pelos antecedentes, como legado de determinada época e contexto sócio-cultural, levando elementos de análise crítica e esperança, com vistas a mais qualidade de vida.

É preciso para construir o novo, o ideal histórico, partir da reflexão de fatos que retratem a exploração, a opressão, o desemprego, para, a partir daí, sentir a necessidade de constantes intervenções, através de ações coletivas que possuam como meta, eliminar as condições que as produzem.

Em meio as análises "científicas" referentes as condições de trabalho dos professores, dos perigos da escolarização e do capitalismo e à economia política dos manuais, pouca atenção é dada a uma política de corpo, ao sofrimento humano concreto, ou a forma de fortalecimento coletivo entre professores e/ou estudantes à medida que surgem a partir das várias outras lutas contra a dominação dentro da escola (GIROUX, 1997, p.245).

Nesse processo é necessário combater as causas da opressão, ir à raiz do problema para poder chegar a uma situação satisfatória que venha devolver a esperança, o crédito das pessoas no sistema educacional. Para atender ao exposto, os educadores devem estar imbuídos de um saber, de uma postura crítica, de um saber fazer e um saber agir para a transformação da sociedade. Transformação que tem início na família, que constitui o "locus" principal na formação da cidadania e continua nas ações desenvolvidas na escola através de atividades coletivas realizadas no cotidiano dos atores sociais: professores e alunos, oportunizando-lhes a formação de competências e atitudes, num clima de amizade, de solidariedade em prol da emancipação pessoal e social dos sujeitos em formação.

Solidariedade sendo entendida como uma forma de socialidade que é vivenciada na participação real "nas lutas de resistência dos oprimidos". Enquanto ato participativo, a solidariedade fornece a base teórica para desenvolverem-se, de maneira crítica, novas formas de socialidade baseada



no respeito pela liberdade humana e pela própria vida (GIROUX, 1997, p.254).

É fato notório que, no mundo competitivo em que vivemos, vence o mais competitivo, muitas vezes, não correspondendo ao mais competente em conhecimentos científicos e tecnológicos, nesse contexto o educador comprometido com a prática social democrática, deve ter a solidariedade como premissa, estabelecendo situações de empatia, de colocar-se no lugar do outro, de entender, como coloca Boff (1997), que um fraco mais um fraco não somam dois fracos, mas um forte, pois existe um somatório de forças, de idéias, de potencialidades.

É preciso dotar o cidadão em formação do espírito de águia para ser capaz de alcançar vãos altos, consciente do seu potencial, do poder de decisões, de ver que, além do local, do circunstancial, existem outros espaços que também devem ser explorados. Para tanto, é necessário sair da visão ingênua, partir do imediato, do local, do circunstancial, em busca do ideal, do sonho a ser realizado de forma coletiva e global.

É preciso ver o conhecimento como poder, e como tal, poderá ter efeitos positivos na formação do educador comprometido com a prática social. Para reforçar o colocado recorro a Giroux (1997):

Os educadores devem ser claros quanto aos referenciais morais para justificar-se como formas particulares de experiência podem ser legitimadas e realizadas como parte tanto do desenvolvimento de esferas públicas democráticas quanto de mudança social radical em geral (GIROUX, 1997, p.251).

A formação do professor ocorre ao longo de sua vida através de processos interativos, onde o diálogo, as trocas mútuas de saberes e experiências constituem pano de fundo na construção do conhecimento.

Nesse processo, a consciência está sempre em formação, pois para explicar a consciência do EU precisa-se do OUTRO, entendendo-se que o homem está, sempre em construção individual e social. Individual porque tem sua própria história, social porque essa história é compartilhada com outros que possuem suas histórias, suas heranças culturais, impregnadas de valores, crenças, costumes e senso ético.

Portanto, é inegável o papel da educação na formação do cidadão em todos os estágios de sua vida. Para reforçar o colocado, utilizo o trecho de Kant:



A educação é uma arte, cujo exercício deve ser aperfeiçoado através de muitas gerações, cada geração, provida com o conhecimento da geração que a precedeu, pode propiciar uma educação que desenvolva sempre mais as disposições naturais do homem, proporcionalmente e conforme as suas finalidades, e conduza desse modo o gênero humano para sua própria determinação. A providência quis que o homem devesse produzir o Bem a partir de si próprio e assim diz ao homem: Vá pelo mundo. Eu te equipei com disposições para o Bem. De ti depende desenvolvê-las de tal modo que a tua própria sorte ou infortúnio depende de si mesmo (MASSI; JUNIOR, 1997, p.333).

Nesse particular, é preciso ver a educação como uma práxis humana, em que as ações para serem executadas requerem uma reflexão crítica, anterior e posterior a sua operacionalização.

A educação como legado cultural deve melhorar progressivamente, para que as novas gerações tenham condições de caminhar sempre um passo adiante, na direção do novo, na busca de concretizar o ideal, perseguindo um sonho a ser realizado.

A educação é o processo pelo qual as gerações se transmitem sucessivamente as formas historicamente conquistadas de sua vida material e espiritual, é por ela que a humanidade cria para si própria, na e pela tradição histórica, a forma que corresponde a sua idéia e a sua destinação (MASSI; JÚNIOR, 1997, p. 336).

Entretanto, nesse processo de formação do educador sendo portador, além dos conhecimentos de sua área específica, de uma ética que priorize a solidariedade como um valor necessário nas interações sociais, onde não existe quem sabe mais, mas quem precisa aprender mais, ter mais maturidade para enfrentar os desafios oferecidos por esta sociedade de desiguais, de acentuado desnível socioeconômico, bem como de alta competitividade.

A solidariedade é dever que une as gerações no processo educativo: os homens mal educados que carecem de disciplina ou instrução – são maus educadores, e, por conseguinte, maus operários na obra histórica e coletiva de conduzir a Humanidade à sua destinação (MASSI; JUNIOR, 1997, p.336).

Nessa perspectiva, o educador-formador deve estar dotado de habilidades e atitudes. Nessas atitudes devem estar presente além da solidariedade, valores morais para fazer boas opções, coerentes com a justiça social, democracia e dignidade.



A ética como ciência que estuda o ser humano, precisa resgatar sua essência de ver o homem que precisa de cuidados em todas as dimensões, principalmente, política, social, moral e antológica dentre outras. Portanto, vendo o homem, metaforicamente, como uma casa, que representa um lar com harmonia e aconchego, preocupando com o bem estar das pessoas que a habitam, provendo alimentação adequada e, conseqüentemente, saúde, no sentido de garantir uma vida digna e saudável.

Portanto, quando cuidamos de nossa casa, subentendemos múltiplos atos, preocupamo-nos com as pessoas que nela habitam dando-lhes atenção, garantindo-lhes as provisões e interessando-nos com o seu bem – estar “.....zelamos pela relação de amizade com os vizinhos e de calor com os hóspedes” (BOFF, 1999, p.33)

Esse cuidado essencial com as pessoas que amamos, nos remete a repensar as relações de amizade e empatia no ambiente de trabalho, que complementa a jornada do cotidiano.

Tendo por premissa que nosso lar, as instituições precisam ser cuidadas, valorizadas e respeitadas para que as pessoas possam ser felizes, sendo contemplados os dois mundos: casa e trabalho, assim se pode construir a felicidade, alicerçada por dois grandes valores que completam o homem: casa e trabalho. “A casa humana hoje não é mais o estado – nação, mas a terra como pátria/mátria comum da humanidade” (BOFF, 1999, p.27).

Assim as relações são amplas e complexas, á medida que se vive o imediato, o circunstancial se sinaliza o universal, o sistema planetário. São mundo que se intercomplementam, em suas diferenças e semelhanças.

Nesse resgate de valorizar o humano, não podemos perder de vista problemas cruciais como: a ecologia, mau tratos a crianças, obrigadas a trabalhar como adultos, idosos abandonados em abrigos pelos familiares, a saúde pública que não atende de forma satisfatória a todos, bem como a educação básica, que deixa muito a desejar. São problemas que precisam de políticas de governo sérios para sua efetiva solução.

Nesse particular, Boff (1999) se posiciona:

Tudo o que existe e vive precisa ser cuidado para continuar a existir e a viver. Uma planta, um animal, uma criança, um idoso, o planeta terra. Uma antiga fábula diz que a essência do ser humano reside no cuidado. O cuidado é mais fundamental do que a razão e a vontade (BOFF, 1999, p. 44).



A vida requer cuidados essenciais para sua construção, que vão desde o nascimento do homem. Nas interações sociais, deve haver respeito, solidariedade, empatia, no sentido de colocar-se no lugar do outro, antes de dizer algo que venha a magoá-lo, a denegrir sua imagem, sempre evitando preconceitos e atitudes discriminatórias, criando um clima de mal estar para todos.

“Nessa perspectiva, o ser humano é um ser de cuidado, mas ainda, sua essência se encontra no cuidado. Colocar cuidado em tudo o que projeta e faz, eis a característica singular do ser humano.” (BOFF, 1999, p.35).

No momento atual em que vivemos, se faz necessário um repensar crítico sobre a moral como um dos sustentáculos do comportamento humano em interação social. De acordo com Vasquez (1990) que, “a moral é um conjunto de normas, aceitas livre e conscientemente, que regulam o comportamento individual e social dos homens. (VASQUEZ, 1990, p. 49).

Nesse particular, temos consciência de nossa autonomia e liberdade de ação, se estão de acordo com os preceitos legais que regem nossa vida, em que estes devem ser atendidos, respeitando sempre o limite de ações nossas e de outrem, para se viver em harmonia na sociedade.

Entendemos sociedade como:

A existência de uma organização, de instituições e leis que regem a vida desses indivíduos e suas relações mútuas. [...] contrato social entre os indivíduos que dela (sociedade) fazem parte, e a comunidade que possui um caráter mais natural e espontâneo (IAPASSÚ; MARCONDES, 1996, p. 251).

Nessa interação de indivíduos, buscando a satisfação de necessidades subjetivas, mas concomitantemente, o atendimento de ações em parcerias, em que se faz necessário a comunhão do EU com o OUTRO, em que estes se intercompletam e formam um todo coeso e harmônico.

A moral de fato, vai além de um conjunto de normas ou regras, se caracteriza pelo comportamento desejável na sociedade atual, em que se observa tantos desmandos: exclusões sociais, desempregos e índice de marginalidade, tudo isso, por não serem respeitados os direitos dos cidadãos.

A perspectiva de sociedade mais justa e igualitária, em que seja minimizado o desemprego e, conseqüentemente, a marginalização, há necessidade de designar dois termos: moral e moralidade em que, a



Moral designaria o conjunto dos princípios, normas, imperativos ou idéias morais de uma época ou de uma sociedade determinadas e moralidade de se referiria ao conjunto de relação efetivas ou atos concretos que adquirem um significado moral com respeito a moral vigente (VASQUEZ, 1990, p.52).

No plano ideal ficaria a moral e no plano real ficaria a moralidade. São dois elementos essências na sociedade que almejam ações corretas, com justiça, que se originam de idéias, normas e relações sociais, no atendimento as necessidades dos indivíduos.

Portanto, a função social da moral vai de encontro a regulação das relações entre os homens, contribuindo para manter e assegurar uma determinada ordem social e política.

Nesse sentido, a moral possui um caráter social por que:

a) Os indivíduos se sujeitam a princípios, normas ou valores socialmente estabelecidos; b) regula somente atos e relações que acarretam conseqüências para outros e exigem necessariamente a sanção dos demais; c) cumpre a função social de induzir os indivíduos a aceitar livre e conscientemente determinados princípios, valores ou interesses. (VAQUEZ, 1990, p.56).

Enfim, somos conscientes que as ações dos indivíduos devem ser pautadas em preceitos éticos, legais e morais para a construção de uma sociedade mais fraterna, solidária e com justiça social.

3 A ÉTICA NO COTIDIANO DA SALA DE AULA

No contexto das escolas brasileiras, nos deparamos com situações de discriminações, preconceitos que revelam a falta de amor, de respeito e, principalmente, de solidariedade das pessoas. As interações sociais se processam num clima de competição, de querer se “dar bem”, tirar proveito dos pontos de fragilidades dos outros:

Dentre os desvios de comportamento mais marcantes, a indisciplina e a violência que se destacam, por prejudicar nas relações entre as pessoas, e, conseqüentemente, o bom desempenho em sala de aula, tanto para os alunos indisciplinados e/ou violentos quanto para todos partícipes do ato educativo.

Entretanto, é preciso entender que existem problemas de excepcionalidades que precisam ser diagnosticados por profissionais especializados, para não rotular pessoas de algo, sem a devida comprovação. “... Na verdade, a moda agora é dizer que determinadas crianças e adolescentes são hiperativos” (SILVA, 2004: 113).



Portanto, a responsabilidade e o cuidado devem ser muito grande, necessitando de uma equipe multidisciplinar dentro da escola, para formar o aluno na sua totalidade, ou seja, atendendo as suas especificidades, as suas individualidades, conscientes que cada ser é único e essa unicidade compõe a diversidade em que estar inserido.

A perspectiva piagetiana, vem a corroborar com a discussão em pauta, quando expressa:

Ao investigar o juízo moral das crianças, verificou que a moral no indivíduo se desenvolve quantitativa e qualitativamente. Para isto, contudo, é necessário que o organismo amadureça, interaja com os objetos físicos, com as outras pessoas, sejam submetidos a um processo educativo e constantemente se adapte e se desadapte ao meio físico e social (SILVA, 2004, p. 118).

Nesse sentido, é preciso estar de espírito aberto para as mudanças, incorporando-as de forma consciente e crítica, vendo-se como um constante aprendiz.

As contribuições dos estudiosos no assunto, sobre ética, como ciência que estuda o comportamento humano, ressignificam os valores morais e éticos dos discentes por se encontrarem em processo de formação nas diversas dimensões, principalmente, a sua subjetividade: Reforçando o colocado Piaget se posiciona: “Para isto, contudo, é necessário que o organismo amadureça, interaja com os objetos físicos, com as outras pessoas, seja submetido a um processo educativo e constantemente se adapte e se desadapte ao meio físico e social” (SILVA, 2004, p.118).

Nesse particular, constatamos a incompletude na formação do ser humano, que necessita constantemente rever as dimensões que o constitui, procurando preencher lacunas de todas as ordens, principalmente, a cognitiva, a psico-social e cultural.

Piaget (1932/1994) “observou que a moral — assim como a — inteligência — também se desenvolve e que tal processo evolutivo pode ser descrito por fases, assim como fez em relação ao desenvolvimento cognitivo” (PIAGET, 2004, p.135).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se percebe, é necessário visualizar a educação como uma célula básica, onde exista uma política educacional centrada em objetivos que sejam comuns a todos os envolvidos, em que o professor-formador tem papel preponderante na formação de novas



gerações para os desafios do novo milênio, instrumentalizando o homem de conhecimentos científicos e tecnológicos para fazer frente às exigências da modernidade. Entendendo modernidade como: “Anti-tradição a derrubada das convenções, dos costumes e das crenças. A saída do particularismo e entrada no universalismo, ou ainda a saída do estado natural e a entrada na idade da razão.” (TOURAINÉ, 1997, p.216).

Nesse sentido, ter consciência da realidade circunvizinha, do imediatismo sem perder de vista dimensões mais amplas e complexas. Partindo do particular para o universal, para o global.

Nessa luta por melhoria de qualidade da educação, temos de ter consciência que somos seres históricos, somos memória, somos cultura, somos símbolos, valores, pensamentos, somos políticos, somos, enfim, seres em constituição, o que configura, indubitavelmente, a necessidade de uma adequada, e continuada, formação geral do educador, priorizando, é bem verdade, a sua área específica de atuação profissional.

Nesse particular, a ética na profissão docente constitui uma dimensão necessária em todos os momentos.

Ao traçar e percorrer o caminhar docente, cuidados devem ser tomados para evitar deslizamentos, principalmente, morais e éticos, haja vista a responsabilidade com a formação de novas gerações de profissão que prestarão serviços à sociedade. Essa formação se dará atendendo as multifacetadas que o indivíduo apresenta e necessita de atenção especial, principalmente, o atendimento psicossocial e profissional.

É uma tarefa árdua, mas com compromisso competência e amor ao ser em formação, colocar-se no seu lugar, de forma empática e solidária, se poderá mudar o quadro muitas vezes, desfavorável em que se encontra a educação do País.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico:** elaboração de trabalhos na graduação. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha:** uma metáfora da condição humana. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 1997.

BETTO, Frei; BARBA, Eugênio e COSTA, Jurandir Freire. **Ética.** Rio de Janeiro: Garamond, 1997.



COUTINHO, Regina Maria Teles Coutinho. **Ensino Superior**. Teresina: Edição do Autor, 2017.

ÉTICA na pesquisa. 2004. Disponível em: <<http://apostilas.eticanapesquisa/36.rtf>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

FEITOSA, Maria Soares et al. **O que é pesquisa bibliográfica**. São Paulo: Ática, 2002.

GIROUX, Henry A. **Os professores como Intelectuais Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. 5. ed. Campinas: Alínea, 2011.

JAPIASSÚ, Hilton e MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

RIOS, Teresinha Azerêdo. **A Autonomia como Projeto Horizonte Ético – Político**. São Paulo: FDE, (Série Idéias 16) 1997.

SILVA, Nelson Pedro. **Ética, Indisciplina e Violência nas Escolas**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da Modernidade**. 4.ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1997.

VASQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. 12 ed Rio de Janeiro – RJ: Editora Civilização Brasileira S. A, 1990.